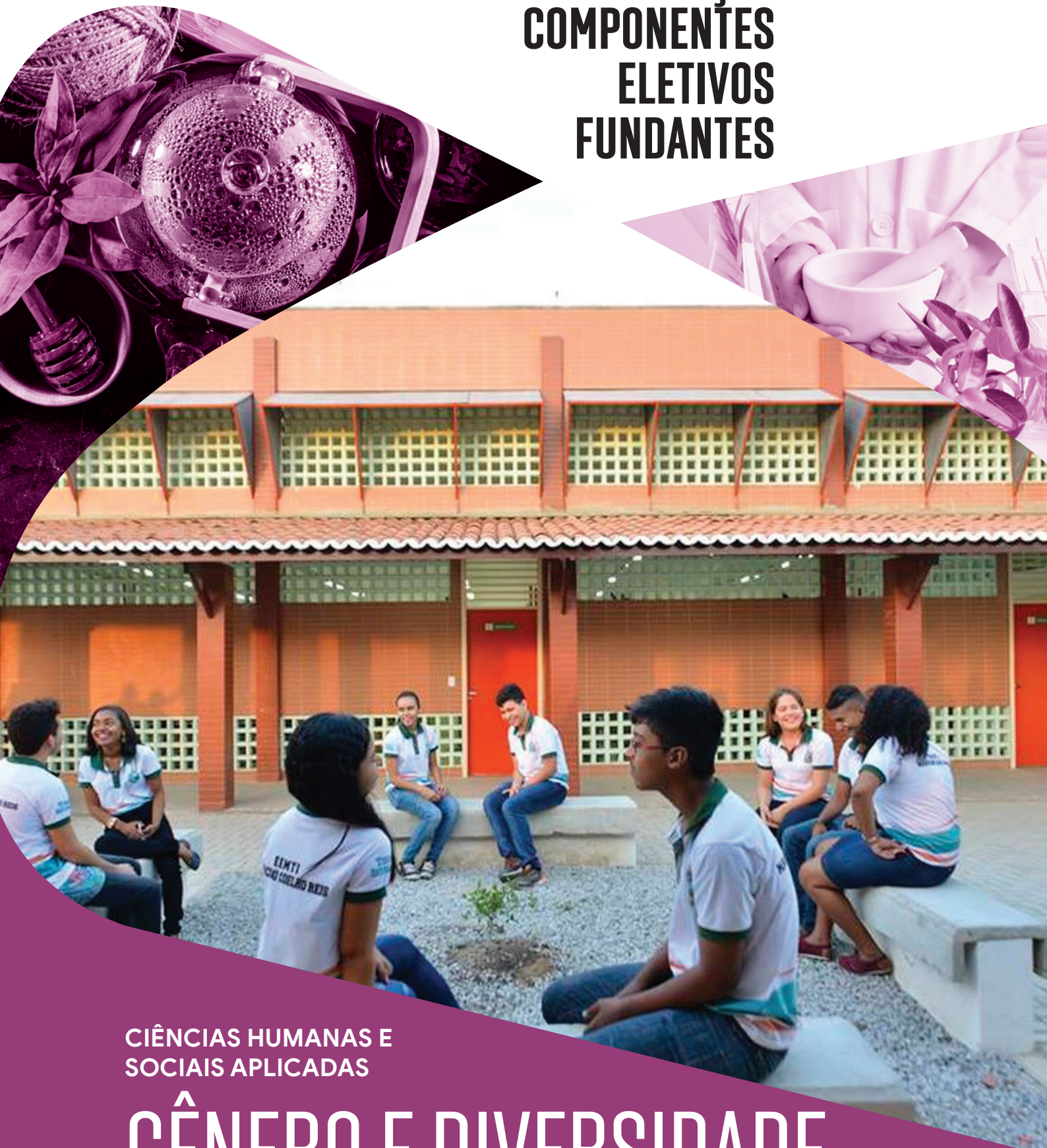


COLEÇÃO COMPONENTES ELETIVOS FUNDANTES



CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS APLICADAS

GÊNERO E DIVERSIDADE

Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral do Ceará – EEMTI

Elmano de Freitas da Costa

Governador

Jade Afonso Romero

Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela

Secretária da Educação

Maria Jucineide da Costa Fernandes

Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

Gezenira Rodrigues da Silva

Coordenadora da Educação em Tempo Integral

Teresa Márcia Almeida da Silveira

Articuladora da Coordenadoria da Educação em Tempo Integral

Daniela Bezerra de Menezes Gomes

Orientadora da Célula de Desenvolvimento da Educação em Tempo Integral

Denylson da Silva Prado Ribeiro

Orientador da Célula de Acompanhamento da Educação em Tempo Integral

Elaboração

Luana Mara Diogo

Acompanhamento

Equipe Técnica CEDTI:

Ana Paula Silva Vieira

Antônia Cláudia Prado Pinto

Lívia Pereira Chaves

Maria Nahir Batista Ferreira Torres

Maria Socorro Braga Silva

Meirivâni Meneses de Oliveira

Newton Malveira Freire

Roserlany Francelino Gomes

Revisão

Ana Paula Silva Vieira

Lívia Pereira Chaves

Ilustrações e Capa: MR Dezipner

Diagramação: Ricardo Aquino

Direito autoral do desenho e infografia: Freepik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387g Ceará, Secretaria da Educação do
Gênero e diversidade / Secretaria da Educação do Ceará. -
Fortaleza: SEDUC, 2024.

40 p.

ISBN 978-85-8171-517-9

1. Raça. 2. Gênero. 3. Desigualdade. I. Título.

CDD: 370

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria de Educação em Tempo Integral (COETI), apresenta às Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral - EEMTI esta coleção de fascículos que abordam as unidades curriculares eletivas (UCE).

A disponibilização deste material para as EEMTI tem como objetivos:

I. Oferecer apoio pedagógico e didático às/aos professoras/es que lecionam essas unidades curriculares eletivas.

II. Oportunizar às/aos estudantes subsídios para o desenvolvimento de competências e habilidades nos itinerários formativos escolhidos, a partir de seu Projeto de Vida, favorecendo a aquisição de novos conhecimentos, a ampliação da aprendizagem e o seu crescimento cognitivo e socioemocional.

A elaboração desses fascículos está vinculada às ementas do Catálogo de Unidades Curriculares Eletivas, de 2022. Nesta terceira tiragem, foram selecionadas algumas unidades curriculares eletivas que apresentam assuntos essenciais e contextualizados, capazes de gerar interesses de aprofundamento nas/nos jovens, a partir das temáticas abordadas. Essas unidades curriculares eletivas estão relacionadas às quatro áreas de conhecimento da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e as unidades curriculares de Formação Profissional e Clube Estudantil.

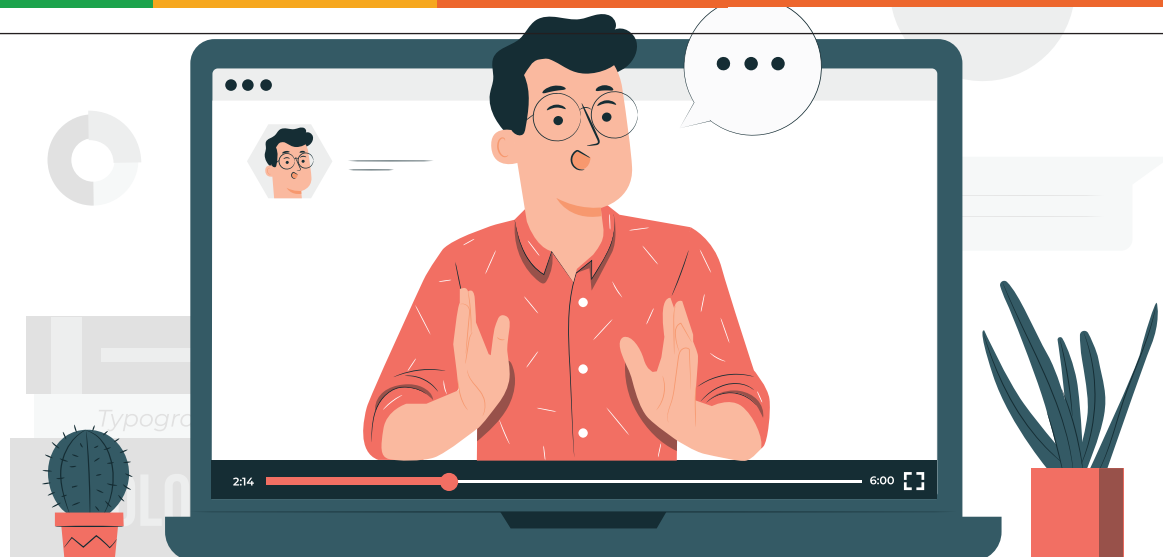
Volume 1: Linguagens e suas tecnologias

Volume 2: Matemática e suas tecnologias

Volume 3: Ciências da Natureza e suas tecnologias

Volume 4: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Volume 5: Formação Profissional



MENSAGEM AO PROFESSOR

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dez competências gerais devem ser desenvolvidas pelas/pelos estudantes ao longo do Ensino Médio. Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, no que diz respeito aos estudos sobre cultura e gênero, espera-se que você, professora/professor, possa mediar o processo de desenvolvimento dessas competências e habilidades, mais especificamente, na unidade curricular eletiva de **GÊNERO E DIVERSIDADE**, que tem como objetivo apresentar a relação entre cultura, gênero, raça e identidade, facilitando o acesso a informações que guiarão professoras/professores e estudantes em um debate urgente sobre as raízes do machismo, racismo e LGBTfobia.

Buscamos relacionar conceitos das Ciências Humanas com temas importantes da atualidade, estimulando o pensamento crítico e preparando as/os estudantes para o ENEM e demais vestibulares. Por compreendermos que o conhecimento precisa impactar o dia a dia de cada uma e cada um, pedimos que, sempre que possível, contextualize os debates com o cotidiano deles. Para a realização das atividades deste fascículo, o diálogo, a leitura e a interpretação de textos são o foco para o desenvolvimento das múltiplas habilidades pelas/pelos estudantes.

O fascículo encerra com a atividade de uma produção prática, interdisciplinar, visto a importância de se aplicarem os conhecimentos estudados de forma experimental, por meio de um produto com função social, a fim de estimular o protagonismo nessa construção. Esse momento, ao final de cada semestre, chama-se **CULMINÂNCIA** e pode ser realizado em um dia, organizado e planejado pelas/pelos estudantes e equipe escolar, com convite a toda a comunidade escolar (remoto ou presencial), para que o resultado dos estudos, das pesquisas e das criações possam ser comunicados; e o protagonismo das/dos jovens, valorizado.

Esperamos, pois, que este fascículo contribua para enriquecer a sua prática pedagógica, auxiliando-a/o no planejamento das suas aulas e fortalecendo os processos de ensino e de aprendizagem.

Sucesso e boas aulas!

PARTE

Cada **PARTE** é composta por três ou quatro SITUAÇÃO-PROBLEMA, três ou quatro atividades (PARA COMPREENDER), um elaborando o produto final (ATIVIDADE PRÁTICA), e uma avaliação (PRATICANDO EU APRENDO).

UNIDADE

A **UNIDADE** é composta por uma, duas ou três habilidades afins, selecionadas da BNCC ou da matriz do SPAECE ou do ENEM.

PARA COMPREENDER

As atividades do **PARA COMPREENDER** são constituídas, em geral, por até três questões reflexivas e de respostas construídas.

PRATICANDO EU APRENDO

O **PRATICANDO EU APRENDO** é o espaço destinado à avaliação, que será composta de itens de múltipla escolha, aplicados pelo SPAECE, ENEM ou SAEB, sobre a área de conhecimento a que a Unidade Curricular Eletiva (UCE) pertence..

FIQUE DE OLHO

O ícone **FIQUE DE OLHO** apresenta lembretes que são muito importantes para a compreensão do assunto.

SAIBA MAIS

O **SAIBA MAIS** aprofunda os conhecimentos e aborda curiosidades sobre: assunto, autor, livro, dicas de sites e/ou um complemento relevante para o tema, sempre relacionado ao desenvolvimento da habilidade.

ATIVIDADE PRÁTICA

A **ATIVIDADE PRÁTICA** contribui para o aprofundamento e consolidação das habilidades da Unidade Curricular Eletiva (UCE).

CULMINÂNCIA

A **CULMINÂNCIA** apresenta as instruções para elaboração de um produto com função social.

Assim, a/o estudante estará preparada(o) e segura(o) para produzir com suas/seus colegas um objeto com a finalidade de estimular o protagonismo estudantil, para ser compartilhado com a comunidade escolar.



MENSAGEM AO ESTUDANTE

Parabéns por ter escolhido esta unidade curricular eletiva para o seu currículo, pois o conhecimento em **GÊNERO E DIVERSIDADE** pode fazer grande diferença em sua vida, ajudando-a/o a ampliar seus conhecimentos sobre Ciências Humanas e também na sua formação intelectual, preparando-a/o para compreender o debate atual sobre identidade de gênero, raça e pluralidade. Ressalta-se que, para a escolha de uma UCE, faz-se necessário se autoconhecer, identificar os valores nos quais se sustentam o seu Projeto de Vida e como esses valores podem contribuir para o seu sucesso como pessoa e como cidadã/ão.

Prepare-se para a viagem do conhecimento por meio do debate sobre temas atuais e relevantes, que buscam ampliar seus conhecimentos, tornando você apta/o a escrever sobre os assuntos discutidos, ou mesmo debater os temas por com maior propriedade. Esperamos que esse material abra portas para que você aprofunde a leitura sobre os temas, para tanto, indicaremos autoras e autores importantes e acessíveis.

Cada unidade que você vai estudar traz elementos para que, ao final dela, seja desenvolvido um produto científico, educacional, cultural ou outros. Você, a/o professora/professor e a turma irão produzir e apresentá-lo no momento da CULMINÂNCIA, que acontece ao final de cada semestre. Sugere-se planejar este dia, junto às/aos colegas de outras UCE, com um momento para compartilhar esses estudos, pesquisas e criações, de modo que outras/outros estudantes e a comunidade escolar conheçam mais sobre o que desenvolveram. Este pode ser um dia de bastante interação, animação e troca de conhecimentos!

A finalidade é que este material a/o auxilie a exercer o protagonismo, de modo que você identifique seus potenciais, interesses, paixões e estabeleça estratégias e metas para alcançar seus próprios objetivos em em todas as dimensões.

Sucesso e bom estudo!

SUMÁRIO

PARTE 1:	9
GÊNERO E CULTURA	9
UNIDADE 1 - O que significa cultura?	9
UNIDADE 2 - Breve história do movimento feminista no Brasil	13
UNIDADE 3 - Como se combate o feminicídio?	16
PARTE 2:	20
RACISMO E ETNOCENTRISMO	20
UNIDADE 4 - O que significa etnocentrismo?	20
UNIDADE 5 - O conceito de raça e a origem do racismo	23
UNIDADE 6 - O feminismo negro no Brasil	26
UNIDADE 7 - As raízes do racismo estrutural	28
PARTE 3	29
LGBTQIA+, UMA SIGLA EM EXPANSÃO	29
UNIDADE 8 - O que significa identidade de gênero?	29
UNIDADE 9 - Exclusão, violência e solidão	32
UNIDADE 10 - A importância do dia 28 de junho	35
CULMINÂNCIA	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

HABILIDADES DESENVOLVIDAS NESTE VOLUME

BNCC (M13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos

CH3H1 Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

CH3H12 Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

CH3H13 Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuam para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.



PARTE 1:

GÊNERO E CULTURAL

UNIDADE 1

- O QUE SIGNIFICA CULTURA?

Quando você ouve a palavra cultura, o que vem à sua cabeça? Geralmente é a noção do senso comum, ou seja, cultura estaria ligada à erudição, inteligência. Se fulano vai sempre ao teatro, está sempre lendo um livro ou escutando música clássica, dizemos que ele “tem cultura”. Essa noção está carregada de preconceitos, pois qualquer pessoa que está inserida em uma sociedade possui cultura.



Fig. 1: Disponível em <https://papocultura.com.br/de-cultura-e-cultura-popular/>. Acesso em 05 de set. 2023.



Fig. 2. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-08/novas-tecnologias-contribuem-para-preservacao-e-difusao-da-cultura-popular>. Acesso em 05 de set. 2023.

Para as ciências humanas, a cultura tem um significado vasto. Buscaremos abrir esse material entendendo o significado de cultura para que, a partir disso, comecemos a debater sobre gênero, raça e diversidade. Vamos começar?

Definimos cultura como a identidade de um povo, um dos principais objetos de pesquisa da antropologia, ciência que estuda os seres humanos em sua dimensão social. No final do século XIX, os cientistas sociais começaram a traçar uma conceitualização mais profunda do significado de cultura. Um dos primeiros a fazer isso foi Edward

Burnett Tylor, antropólogo britânico que definiu cultura como “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (apud Laraia, 2006, p. 25).

Cultura, portanto, é algo que adquirimos ao nos relacionarmos com outras pessoas dentro de uma sociedade, ou seja, não é algo com o que nascemos ou que apenas alguns possuem. Ela pode ser transmitida de forma assistemática, chegando a cada pessoa pela própria convivência, como por exemplo, nosso sotaque. Também pode chegar até nós de forma sistemática, transmitida para nós pelas instituições, um ótimo exemplo são as leis de um determinado país. Vale destacar que é natural leis diferentes para culturas diferentes.

É muito importante lembrar que a cultura não é estanque, quer dizer, ela está em constante transformação. Além disso, ela pode gerar resultados positivos ou negativos no seio das sociedades, sendo essencial compreendê-la para transformá-la quando necessário. Por exemplo, o machismo, o racismo e a LGBTfobia são parte de uma herança cultural patriarcal fortemente difundida no Brasil.

Historicamente, o homem, a figura masculina, ocupa os espaços de poder e conhecimento e, por isso, falamos acima de uma cultura patriarcal, não por acaso, se existem dez mulheres em uma sala e apenas 3 homens, para falar dessas pessoas utilizaremos o plural masculino. Essa cultura patriarcal pode ser percebida desde a antiguidade grega, quando a filosofia e a política eram majoritariamente masculinas, até os nossos dias, quando é rara a ocorrência de mulheres, pessoas negras e LGBTQIA+ em espaços de poder. Cultura é a união de valores, hábitos e costumes, sendo os homens maioria nas instituições, não é surpreendente que a sociedade se pautar por valores e tradições que beneficiam os homens.



Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/como-vivem/aprender>. Acesso em 05 de set. 2023.

✚ PARA COMPREENDER





Disponível em <https://www.poder360.com.br/infograficos/mais-de-a-metade-dos-brasileiros-sente-desconforto-com-liderancas-femininas/>. Acesso em 05 de set. 2023.

1. Como você interpreta os dados apresentados na pesquisa sobre liderança feminina?

2. De que maneira os dados da pesquisa podem ser relacionados à noção de cultura?

3. E você se sentiria confortável com uma liderança feminina à frente de nosso país? Justifique.



PRATICANDO EU APRENDO

O antropólogo inglês Edward Tylor (1832-1917) foi responsável por criar a primeira definição de cultura. Segundo o estudioso, ela representa: "(...) todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade." (TYLOR, E. Primitive culture. Londres: John Mursay & Co, 1871).

Sobre o conceito de cultura, é correto afirmar:

- a) a cultura é universal e definida pela política, economia e educação das sociedades em que se desenvolve.
- b) a cultura é sinônimo de educação e envolve o saber sobre a arte, as leis e a moral.
- c) a cultura é conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social.
- d) a cultura representa uma rede de significados que foi imposta pelos povos da antiguidade.
- e) a cultura gera determinados padrões que são considerados corretos e utilizados por todos.

UNIDADE 2

- BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

No período do Brasil Colônia (1500-1822), as mulheres eram consideradas propriedade de seu pai ou irmão e, ao casar, de seu marido. Para elas, não existia acesso à educação e, por vezes, nem mesmo poder para escolher com quem casar. Nesse contexto, a maior urgência era conquistar direitos básicos como: direito à educação, participação na vida pública, acesso ao mercado de trabalho e direito ao divórcio.

Com a chamada Lei Geral, promulgada em 1827, foram criadas escolas para meninas. Vale destacar que esse direito não foi assegurado às populações indígena e negra. Esse foi o primeiro direito conquistado pelas mulheres brancas e, sem dúvida, um dos mais importantes e decisivos para o desenvolvimento dos movimentos que lutavam por igualdade de gênero. Com o acesso ao conhecimento, veio na sequência o acesso ao mercado de trabalho. Não podemos esquecer que essa mudança se dá como reflexo do que estava acontecendo na Europa, mais precisamente com o surgimento do capitalismo e a necessidade de mão de obra para as indústrias que começavam a surgir em nosso país. Era de interesse dos homens que mulheres vendessem sua mão de obra.

No início do século XX, inspiradas pelos movimentos sindicais que estavam em alta na Europa, as mulheres agora começaram a articular greves em busca de equiparação salarial, abolição do trabalho noturno – visto que às mulheres cabia também o trabalho doméstico – e a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas. Em 1917, o serviço público passou a aceitar mulheres, mudança significativa para que passassem a ocupar outros setores da sociedade, o que foi, sem dúvidas, um passo importante para a inserção da mulher na política brasileira.

Em 1922, no Rio de Janeiro, foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, mas somente em 1932, no governo de Getúlio Vargas, foi garantido o sufrágio (direito ao voto) feminino, bem como a candidatura de mulheres a cargos políticos. Esse movimento de luta por igualdade de direitos, encabeçado por mulheres no Brasil e em outras partes do mundo, denominou-se movimento feminista.

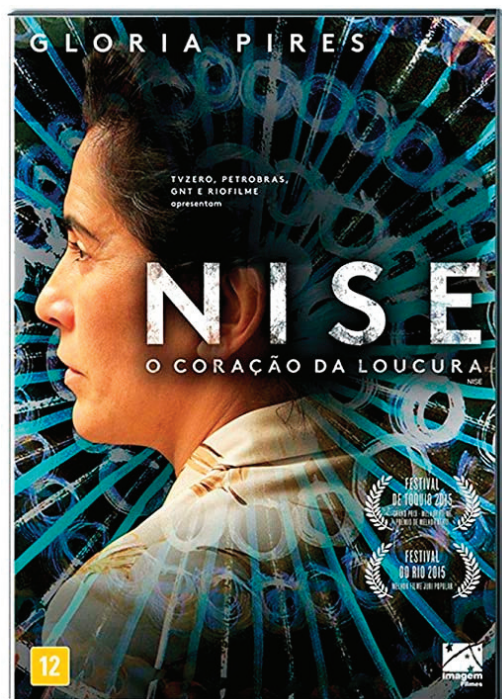
Embora esses dois séculos de lutas tenham trazido mudanças, mulheres ainda buscam equiparação salarial e enfrentam diariamente problemas



relacionados ao machismo estrutural que naturaliza os mais diversos tipos de abuso e violência. É preciso lembrar também que esse movimento foi essencialmente formado por mulheres brancas, ficando à margem dessa luta as mulheres negras e indígenas. Adiante, dedicaremos uma unidade para tratar do feminismo negro e suas particularidades.

Disponível em <https://www.toda-politica.com/movimento-feminista-brasil/>. Acesso em 05 set. 2023.

SAIBA MAIS



Assista ao filme “Nise: o coração da loucura” e conheça a história dessa mulher que revolucionou a psiquiatria.

PRATICANDO EU APRENDO

(UFRN) O texto abaixo analisa as relações entre o homem e a mulher no Brasil, no período da Colônia e do Império.

Muitas mulheres foram enclausuradas, desprezadas, vigiadas, espancadas, perseguidas. Em contrapartida, várias reagiram às violências que sofriam. Parte da população feminina livre esteve sob o poder dos homens, outra parte rompeu uniões indesejáveis e tornou-se senhora do próprio destino. As práticas consideradas “mágicas” foram uma das maneiras pelas quais as mulheres enfrentaram as contrariedades do cotidiano. Chegaram até mesmo a causar temor entre os homens. Acreditava-se que as “feiticeiras” tinham o

poder de “cura” ou o poder sobre o amor e a fertilidade masculina e feminina através de “poções mágicas”.

(Adaptado de: MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 1997. p. 239.)

A partir do texto, é possível concluir que, na sociedade brasileira colonial e imperial,

- a) A) as mulheres ocupavam o centro decisório das famílias, mesmo que homens praticassem atos violentos contra elas, ferindo o estabelecido pela lei.
- b) B) o modelo de família patriarcal, apesar de dominante, era subvertido por vários procedimentos adotados pelas mulheres.
- c) C) o rompimento de uma relação matrimonial por parte da mulher era considerado um ato de feitiçaria, passível de punição pela Inquisição católica.
- d) D) as mulheres tinham poder de decisão quanto ao número de filhos, satisfazendo, assim, o modelo feminino característico da sociedade patriarcal.

UNIDADE 3

- COMO SE COMBATE O FEMINICÍDIO?

Você sabe o que significa a palavra feminicídio? Trata-se de um tipo específico de homicídio cometido contra uma mulher por ser mulher. Você deve estar se perguntando: como assim, “por ser mulher”? Na unidade 1, falamos sobre cultura e sobre como em nosso país prevalece uma cultura patriarcal, ou seja, estruturada a partir dos valores impostos pelos homens, que historicamente ocuparam e ainda ocupam os espaços de poder. Lembremos que as mulheres passaram mais de dois séculos lutando por direitos iguais, enquanto os homens escreviam as leis. Assim, mesmo que o país tenha avançado rumo à igualdade de direitos, efetivamente ainda enfrenta-se o que chamamos machismo estrutural, ou seja, culturalmente aceito e difundido.

Mas afinal, o que difere o homicídio de uma mulher de um feminicídio? Basicamente, a motivação. Vamos analisar duas situações: 1. Uma mulher é assaltada enquanto aguarda o ônibus para ir ao trabalho. Durante o assalto, ela reage e o assaltante atira. 2. Uma mulher decide terminar o relacionamento. Inconformado, o ex-namorado passa a ameaçá-la e, num dia, ao vê-la com um novo namorado, atira. Ambas as mulheres foram mortas por homens portando arma de fogo, mas apenas um desses homicídios configura um feminicídio. No primeiro caso, se fosse um homem a vítima do assalto, o desfecho seria o mesmo. No segundo caso, o crime acontece porque se trata necessariamente de uma mulher. O homem a vê como posse, tal qual lá em 1800 quando as mulheres eram propriedades dos pais e maridos. Percebem o peso cultural?

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie publicou um livro intitulado “Para educar crianças feministas”. Nele, ela escreve quinze sugestões para auxiliar a educação de meninas, buscando desconstruir papéis de gênero. Em outro livro bastante famoso, “Sejamos todos feministas”, Chimamanda define feminista como “uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos”, ou seja, não precisa ser mulher para ser feminista.

Em 7 de agosto de 2006, foi sancionada a Lei nº 11.340. Sabe que lei é essa? Trata-se da Lei Maria da Penha, que recebeu esse nome por ser fruto da luta da farmacêutica cearense Maria da Penha. Em 1983, ela sofreu uma tentativa de assassinato por parte do marido e, embora tenha escapado da morte, ficou paraplégica. Enquanto se recuperava,

o marido tentou matá-la pela segunda vez. Maria da Penha buscou as autoridades para denunciar, mas o que encontrou foi um sistema cheio de problemas e incapaz de conduzir de forma justa o seu caso. Sem o apoio das autoridades competentes, sua luta começou e mais de 20 anos depois a justiça brasileira passou a tipificar a violência contra a mulher como um crime específico e a criar políticas públicas para combater tais crimes.



Disponível em <https://costaadvogados.adv.br/15-anos-da-lei-maria-da-penha-a-historia-por-tras-da-lei/>. Acesso em 05 de set. 2023.

Embora seja possível perceber as mudanças positivas, o gráfico abaixo demonstra que ainda precisamos aprimorar as políticas de combate ao feminicídio, iniciando o debate sobre o tema já na escola. Educar jovens para que sejam capazes de combater a violência e repensar padrões culturais violentos, especialmente entre os homens, é talvez a maneira mais eficaz de mudança permanente.

FIQUE DE OLHO

Acesse o link a seguir para conhecer um pouco mais sobre a força do movimento feminista e entenda como essa luta é importante para representar a igualdade de direitos entre mulheres e homens.

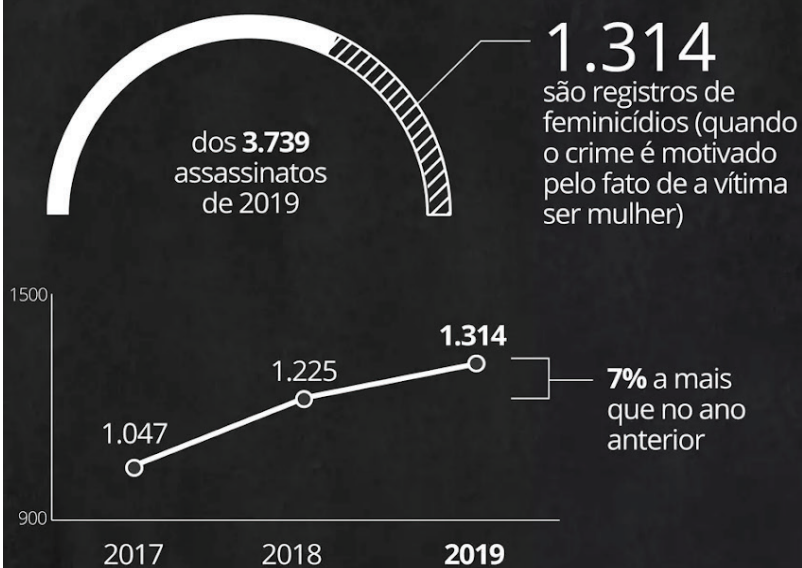


<https://www.todapolitica.com/movimento-feminista-brasil/>

Veja também como cresce o número de mulheres assassinadas cujos crimes, em sua maioria, configuram-se como feminicídio.



FEMINICÍDIOS



*3 estados não contabilizavam dados de feminicídios em 2017: MT, RO e TO

TAXAS DE ASSASSINATO

Maior

Acre
7 a cada 100 mil mulheres

Menor

São Paulo
1,9 a cada 100 mil mulheres



TAXAS DE FEMINICÍDIO

Maior

Acre e Alagoas
2,5 a cada 100 mil mulheres

Menor

Amazonas e Tocantins
0,6 a cada 100 mil mulheres



Infográfico atualizado em: 05/03/2019

Fonte: G1.

Disponível em <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-feminicidios-em-2019.ghtml>. Acesso em 05 de set. 2023.

 PRATICANDO EU APRENDO

(Enem/2014 – 2ª aplicação)

 Maria da Penha

Você não vai ter sossego na vida, seu moço

Se me der um tapa

Da dona “Maria da Penha”

Você não escapa

O bicho pegou, não tem mais a banca

De dar cesta básica, amor

Vacilou, tá na tranca

Respeito, afinal, é bom e eu gosto

[...]

Não vem que eu não sou

Mulher de ficar escutando esculacho

Aqui o buraco é mais embaixo

A nossa paixão já foi tarde

[...]

Se quer um conselho, não venha

Com essa arrogância ferrenha

Vai dar com a cara

Bem na mão da “Maria da Penha”

ALCIONE. De tudo o que eu gosto.

Rio de Janeiro: Indie; Warner, 2007.

A letra da canção faz referência a uma iniciativa destinada a combater um tipo de desrespeito e exclusão social associado, principalmente, à(s)

- A)** mudanças decorrentes da entrada da mulher no mercado de trabalho.
- B)** formas de ameaça doméstica que se restringem à violência física.
- C)** relações de gênero socialmente construídas ao longo da história.
- D)** violência doméstica contra a mulher relacionada à pobreza.
- E)** ingestão excessiva de álcool pelos homens.

PARTE 2:

RACISMO E ETNOCENTRISMO

UNIDADE 4

- O QUE SIGNIFICA ETNOCENTRISMO?

Para que possamos entender o significado de etnocentrismo, precisamos antes compreender o conceito de etnia. A definição dada pelo dicionário Houaiss é “grupo de indivíduos com língua, religião e maneiras de agir comuns”. Desse modo, compreendemos que existiram e existem inúmeras etnias espalhadas pelo mundo. Para nos situarmos melhor dentro dessa discussão, devemos lembrar de um importante fato histórico: o período das “Grandes navegações”, que ocorreu entre os séculos XV e XVI. Sob a liderança de espanhóis e portugueses, os europeus construíram embarcações e iniciaram viagens para lugares desconhecidos em busca de riquezas. Esse movimento era de cunho exploratório e teve como resultado a invasão de diversos territórios, onde os europeus saquearam as riquezas, como ouro e pedras preciosas, além da escravização dos povos que já habitavam esses locais. Lembremos que o Brasil é fruto desse movimento de exploração, apropriação e escravização. Estima-se que somente no que hoje chamamos Brasil, em meados de 1500, havia pelo menos 1.000 etnias distintas.

Então, o que significa etnocentrismo? Para o antropólogo Everardo Rocha

“ etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade etc”.

(ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. *O que é etnocentrismo? Col. Primeiros Passos. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 5.*)

Após invadirem o Brasil, os exploradores escreveram relatos do que encontraram por aqui e dentre as muitas observações sobre os povos indígenas, diziam que eram “bestiais”, ou seja, interpretavam o modo de viver desses povos como de animais.



Disponível em <https://www.todamateria.com.br/etnocentrismo/>. Acesso em 05 de set. 2023.

Podemos, assim, relacionar o pensamento etnocêntrico com o racismo, a xenofobia e a intolerância religiosa. Embora o IBGE aponte que 54% da população brasileira seja composta por pessoas negras, as religiões de matriz africana são marginalizadas em nosso país. Somente em 2021, 571 denúncias de violação à liberdade de crença foram feitas no Brasil, sendo a grande maioria das violações dirigidas aos terreiros de Umbanda e de Candomblé. A visão etnocêntrica de que existe uma religião “verdadeira” estimula a violência contra as demais religiões.

PARA COMPREENDER

Leia o relato das impressões de Pero Magalhães sobre os indígenas e responda as questões a seguir:

“ Os índios andam nus sem nenhuma cobertura. Vivem em aldeias com 7 ou 8 casas. Cada casa está cheia de gente e nela cada um tem sua rede de dormir armada. Não há, entre eles, nenhum Rei, nem Justiça, somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força. (...) Este principal tem três ou quatro mulheres (...) Não adoram coisa alguma nem acreditam que há depois da morte glória para os bons, e pena para os maus. Assim, vivem bestialmente sem ter conta, nem peso nem medida”. (Pero de Magalhães Gandavo, Tratado da Terra do Brasil, século XVI)

1. Escolha, no texto acima, uma frase que reflita uma visão etnocêntrica e justifique.

2. Como você acha que os indígenas viam os portugueses?

3. Você já sofreu algum tipo de violência que acredita ser fruto do etnocentrismo? Caso se sinta confortável, compartilhe com suas/seus colegas.

PRATICANDO EU APRENDO

(Unespar 2015)

Diz uma anedota que o Sir James Frazer, importante antropólogo da época, ao ser perguntado se falaria algum dia com um selvagem, respondeu muito simples e sinceramente: Deus me livre! De fato, a sua teoria dispensava qualquer contato com o “outro”, qualquer “trabalho de campo”, pois que tudo já estava pronto.

ROCHA, Everaldo. *O que é Etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense. 2000, p. 32-33.

De acordo com o texto, é correto afirmar que

- a) o etnocentrismo não considera o “outro”, independentemente de sua condição.
- b) o etnocentrismo considera o “outro”, bem como o valoriza a partir de sua localização cultural.
- c) o etnocentrismo estava em achar que o “outro” era completamente dispensável como elemento de transformação da teoria.
- d) o etnocentrismo estava em achar que o “outro” não era completamente dispensável como elemento de transformação da teoria.
- e) nenhuma das alternativas.

UNIDADE 5

- O CONCEITO DE RAÇA E A ORIGEM DO RACISMO

O conceito de raça começou a ser utilizado na zoologia e na botânica para classificar as diversas plantas e animais. Na França do século XVI, o termo passa a ser usado para diferenciar as classes sociais da época, no caso, nobres e plebeus. Porém, é no período do Iluminismo que o termo ganha contornos racistas. Se valendo de conceitos evolutivos, os europeus do século XVIII começaram a classificar as pessoas por raça a partir da cor da pele e outras características físicas, hierarquizando as diferenças entre as raças a partir de supostos dados científicos.

Partindo de um comportamento etnocêntrico, os povos brancos passaram a subjugar os povos que eram tidos por eles como inferiores. A escravização dos povos africanos tinha como base o argumento de que se tratava de uma raça de seres inferiores, bem mais próximos dos animais que dos povos brancos, e por isso, deveriam ser usados em prol do desenvolvimento de comunidades supostamente mais evoluídas. Esse pensamento etnocêntrico foi tão ampla e violentamente difundido que teorias racistas ainda se sustentam nesses argumentos.

No entanto, a ciência já comprovou que não há povos superiores ou inferiores, o que existem são diferenças físicas e genéticas que não possuem bases científicas para serem hierarquizadas. Porém, a ciência não foi capaz de resolver o problema cultural e social do racismo. No Brasil, com o fim da escravidão, a população negra foi deixada à própria sorte, sem nenhum tipo de projeto de inserção dessa população na sociedade. Sem escolaridade, emprego e moradia, muitos recorrem a pequenos delitos para suprir as necessidades básicas. Essa herança histórica acompanha o povo negro até os dias atuais, sendo necessária a criação de políticas públicas que visem reparar os danos causados pela escravização no Brasil.

Mas retomando as questões de gênero, qual espaço que a mulher negra ocupa em nosso país? Historicamente, a mão de obra da mulher negra seguiu sendo utilizada para facilitar a ascensão da mulher branca. A figura da babá ou da empregada que cuida de todos os detalhes da casa é recorrente, sendo ela a base da hierarquia social. Pesquisas apontam que quase 70% das mulheres que desempenham serviços domésticos são negras. Voltando ao assunto do feminicídio, 61% das mulheres que sofrem feminicídio são negras.

Violência em Números 2019



Disponível em: <https://www.ufpb.br/comu/contents/noticias/uma-conversa-com-terlucia-silva-feminismo-negro>. Acesso em 06 de set. 2023.

Ao pensarmos sobre o racismo, precisamos também pensar sobre o machismo e as questões de classe. Uma minoria de pessoas negras nas universidades é reflexo de toda a estrutura posta acima, não podemos resumir o esforço, mas pensar sobre as bases de nossa sociedade e se é possível falar em igualdade no Brasil hoje.

SAIBA MAIS

Assista ao documentário “AmarElo – É tudo pra ontem” e escute o disco “AmarElo” de Emicida.



PRATICANDO EU APRENDO

(Enem – 2017)

A luta contra o racismo, no Brasil, tomou um rumo contrário ao imaginário nacional e ao consenso científico, formado a partir dos anos 1930. Por um lado, o Movimento Negro Unificado, assim como as demais organizações negras, priorizaram em sua luta a desmistificação do credo da democracia racial, negando o caráter cordial das relações

raciais e afirmando que, no Brasil, o racismo está entranhado nas relações sociais. O movimento aprofundou, por outro lado, sua política de construção de identidade racial, chamando de “negros” todos aqueles com alguma ascendência africana, e não apenas os “pretos”.

GUIMARÃES, A. S. A. Classes, raças e democracia. São Paulo: Editora 34, 2012.

A estratégia utilizada por esse movimento tinha como objetivo

- a) eliminar privilégios de classe.
- b) alterar injustiças econômicas.
- c) combater discriminações étnicas.
- d) identificar preconceitos religiosos.
- e) reduzir as desigualdades culturais.

UNIDADE 6

- O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL

Como vimos nas unidades anteriores, não devemos pensar a luta pelos direitos das mulheres como uma luta unificada de todas as mulheres. É necessário fazer um recorte de classe social e de raça e apenas assim compreenderemos as nuances da luta feminista no Brasil. Concomitante à luta das mulheres brancas no Brasil, mulheres negras eram escravizadas. Então, vamos falar de feminismo negro?

Na década de 1960, as mulheres negras começam a se organizar dentro dos movimentos de luta antirracista, mas, somente em 1988 acontece o I ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES NEGRAS, unindo aproximadamente 450 mulheres de 19 estados brasileiros. A necessidade desse movimento se dá pela diferença nas pautas debatidas em relação ao feminismo branco, dito hegemônico. O acesso à educação não é igualitário quando se comparam mulheres brancas e negras, sobretudo quando se refere à educação superior, e, por consequência, seus empregos são precários e seus salários menores. Em 2012, houve uma importante conquista para a luta dos movimentos negros, a implementação da política de cotas raciais nas universidades públicas.

Outro problema enfrentado pelas mulheres negras é a hiperssexualização de seus corpos. No período da escravidão, essas mulheres sofriam constantemente violência sexual por parte dos homens brancos. A chamada mestiçagem não surge de relações consensuais, mas do estupro, primeiro das indígenas, por parte dos portugueses, e depois das mulheres negras, por parte dos brasileiros. Essa cultura da violência e da objetificação do corpo da mulher negra se perpetuou e ainda é viva no Brasil. A partir da interpretação do mapa da violência de 2015, as chances de mulheres negras serem vítimas de feminicídio são 3x maior do que as de mulheres brancas. Levantamento feito no Rio de Janeiro sobre estupro mostra que 57% das vítimas são negras.

FIQUE DE OLHO

A socióloga Núbia Moreira, em palestra sobre o movimento feminista negro no Brasil, destaca que o racismo não escolhe classe social. Ao chegar em uma loja, não é o título de doutora em sociologia que é visto, mas a cor de sua pele. Confira a palestra no site a seguir.

<https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YlFw>



PRATICANDO EU APRENDO

(Enem 2018)

Num país que conviveu com o trabalho escravo durante quatro séculos, o trabalho doméstico é ainda considerado um subemprego. E os indivíduos que atuam nessa área são, muitas vezes, vistos pelos patrões como um mal necessário: é preciso ter em casa alguém que limpe o banheiro, lave a roupa, tire o pó e arrume a gaveta. Existe uma inegável desvalorização das atividades domésticas em relação a outros tipos de trabalho.

RANGEL, C. Domésticas: nascer, deixar, permanecer ou simplesmente estar. In: SOUZA, E. (Org.). Negritude, cinema e educação. Belo Horizonte: Mazza, 2011 (adaptado).

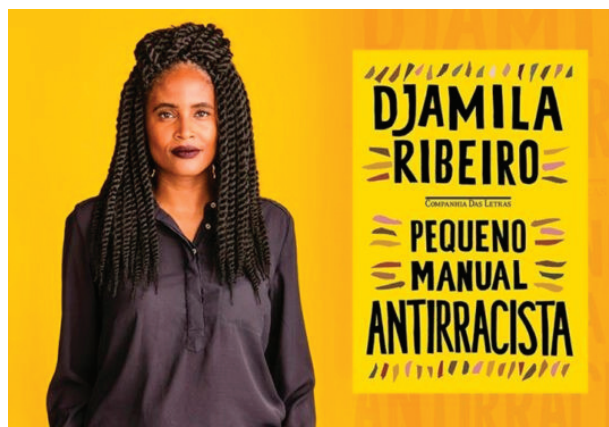
Objeto de legislação recente, o enfrentamento do problema mencionado resultou na

- a) criação de novos ofícios.
- b) erradicação da atividade informal.
- c) redução da desigualdade de gênero.
- d) fragilização da representação sindical.
- e) ampliação de direitos sociais.

SAIBA MAIS

Você conhece a professora e escritora Djamila Ribeiro? Leia seu “Pequeno manual antirracista” e veja como a escritora defende que o racismo é um desafio para toda a sociedade brasileira, visto que essa sociedade é fruto de um regime escravocrata.

Disponível em <https://jornalpredio3.com/2021/05/26/jp3-indica-pequeno-manual-antirracista-de-djamila-ribeiro/>. Acesso em 06 de set. 2023.



UNIDADE 7

- AS RAÍZES DO RACISMO ESTRUTURAL

Você sabia que o Brasil foi o último país do continente americano a abolir a escravidão? E que o Brasil concentrava o maior número de pessoas escravizadas do mundo?

Foram aproximadamente 388 anos de tráfico humano, quando pessoas de diversos países do continente africano foram sequestradas, acorrentadas e trazidas para nosso país no intuito de serem comercializadas e utilizadas como mão de obra nas lavouras de café, algodão, cana-de-açúcar e outras. Estima-se que cerca de 2 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil, sendo separados de suas famílias e espalhados por diversos estados brasileiros.

A abolição da escravatura foi assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, mas, ao contrário do que os livros de história narraram por muitos anos, não foi por bondade, e sim por uma crescente crise no Império, com várias revoltas espalhadas pelo país, além das mudanças que aconteciam no mundo por conta da Revolução Industrial. Com o advento do capitalismo, tornou-se mais interessante ampliar a quantidade de consumidores: como pessoas escravizadas não possuíam renda, consequentemente, não consumiam.

O projeto abolicionista previa o repasse de terra e um auxílio financeiro para que os recém-libertos pudessem recomeçar suas vidas. No entanto, a princesa Isabel não incluiu isso na Lei Áurea e as negras e negros foram libertos, mas não possuíam casa, comida ou trabalho. Vale destacar que, no mesmo período, acontecia no Brasil um movimento de embranquecimento da sociedade. Europeus imigraram para o Brasil e contavam com inúmeras facilidades para prosperar em nosso país.

O racismo estrutural não se trata do ato discriminatório isolado, de um xingamento da torcida de futebol direcionado ao jogador negro, mas do preconceito enraizado na própria estrutura da sociedade e que se reflete em questões econômicas, políticas e culturais. A falta de acesso de pessoas negras a cargos de chefia em grandes empresas, cargos públicos e políticos demonstra que os negros não ocupam todos os espaços da sociedade.

Você já se consultou com uma médica negra? Quantos professores negros você tem?

SAIBA MAIS

Assista ao vídeo e aprofunde seu conhecimento sobre “racismo estrutural”, trazido pelo filósofo e estudioso da causa, Silvio Almeida.

<https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU&t=335s>



PARTE 3:

LGBTQIA+,
UMA SIGLA EM EXPANSÃO

UNIDADE 8

- O QUE SIGNIFICA IDENTIDADE DE GÊNERO?

Na década de 1990, era comum a utilização da sigla GLS para se referir à comunidade de gays, lésbicas e simpatizantes. Com o passar dos anos, a sigla foi crescendo e sofrendo algumas modificações. Atualmente se utiliza a sigla LGBTQIA+ para falar de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexual e o + para a inclusão de identidades e orientações que a sigla não contempla.

Mas afinal, o que é identidade de gênero?

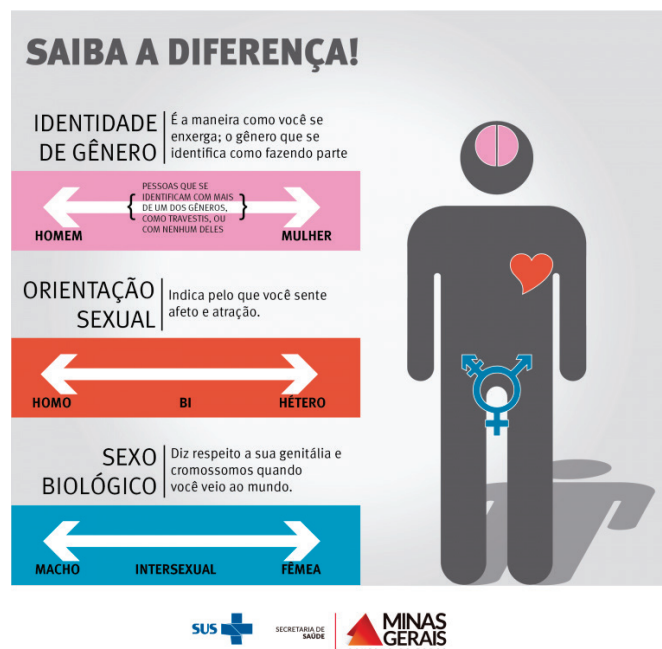
Basicamente, é o gênero com o qual a própria pessoa se identifica dentro do binarismo homem/mulher. Fala-se em duas identidades, cisgênero e transgênero. Quando a identidade é cisgênero, ela se identifica com o sexo designado no nascimento. Se a identidade não coincide com o sexo designado no nascimento, trata-se de uma identidade transgênero. Existem também pessoas que se identificam como não-binárias, ou seja, não se identificam exclusivamente como homem ou como mulher.

É importante compreender que identidade de gênero não tem relação com orientação sexual. Uma pessoa que se identifica como uma mulher cisgênero pode sentir atração e afeto por outra mulher cisgênero e isso não altera sua identidade. Da mesma maneira, uma pessoa transgênero pode se relacionar afetivamente com alguém cisgênero e sua identidade não muda por isso. Por vezes, se confunde identidade de gênero com orientação sexual.

A orientação sexual diz respeito à atração física e afetiva e se divide basicamente em três categorias: homossexuais, bissexuais e heterossexuais. Pessoas homossexuais são aquelas que se relacionam afetivamente com alguém de mesma identidade de gênero. Bissexuais se relacionam tanto com pessoas de mesma identidade quanto de identidade diferente. Heterossexuais se relacionam com pessoas de identidade de gênero diferente. É importante compreender que nem identidade de gênero nem orientação sexual devem ser pensadas e sentidas de maneira engessada, pois as pessoas mudam e, na dinâmica da vida, especialmente na passagem da adolescência para a vida adulta, as identidades e as orientações podem se modificar.

FIQUE DE OLHO

Compreender a diferença entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico é o primeiro passo para nos tornar aptos a discutir temas relacionados à comunidade LGBTQIA+.



Disponível em <http://blog.saude.mg.gov.br/2016/11/11/novembroazul-homens-transexuais-devem-ter-acesso-aos-servicos-de-saude-garantido/> Acesso em 11 de set. de 2023.

SAIBA MAIS

Que tal refletir um pouco? Nesse espaço, vamos abordar os aspectos conceituais e teóricos sobre a identidade de gênero e diversidades como manifestação da constituição subjetiva das pessoas. Confira este conteúdo no arquivo a seguir.

<https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2020/10/Aula-10-Identidade-de-Genero-e-Diversidade.pdf>



PRATICANDO EU APRENDO

(UECE 2022) O tema gênero e sexualidade, atualmente, é mote de muitos debates acalorados e polêmicos na sociedade brasileira. Porém, é forçoso reconhecer a pertinência desses debates a favor de mais inclusão social para o convívio em uma sociedade que deve prezar por valores democráticos como os das liberdades individuais. Em tempo, partindo de uma compreensão geral das ciências sociais, gênero e sexualidade são produtos da relação entre a subjetividade individual (algo que é de cada pessoa) e a cultura (questão coletiva). Assim, o “ser homem”, o “ser mulher” e as orientações sexuais passam pelo crivo intrincado de decisões pessoais e socioculturais. E essa perspectiva das ciências sociais em torno do tema aponta para o melhor convívio nas democracias contemporâneas.

Assim, considerando o tema gênero e sexualidade nas ciências sociais, avalie as proposições a seguir:

I. A sigla LGBTQIA+ procura representar, da forma mais inclusiva possível, os diferentes modos de ser e de se orientar pelo gênero e sexualidade.

II. As livres expressões da sexualidade causam prejuízos para a liberdade sexual de todos aqueles que não se enquadram nessas formas indefinidas de gênero.

III. Nem a cultura nem questões psicológicas conseguem mudar o fato biológico natural que distingue o que significa ser do sexo masculino ou do sexo feminino.

IV. A sociodiversidade de gêneros e de orientações sexuais ainda hoje enfrenta os males dos preconceitos que julgam como anormais as pessoas não heterossexuais.

Está correto o que se afirma somente em

- a) II e III.
- b) II e IV.
- c) I e IV.
- d) I e III.

UNIDADE 9

- EXCLUSÃO, VIOLÊNCIA E SOLIDÃO

Você sabia que a homossexualidade já foi considerada doença? No entanto, em 1990, ela foi excluída da lista pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Porém, isso não foi suficiente para que a sociedade acolhesse as relações homoafetivas e identidades transgênero. Em 2022, o Brasil segue como o país que mais mata pessoas transsexuais no mundo. Esse dado é alarmante e demonstra que a comunidade LGBTQIA+ é alvo de violência e necessita de políticas de proteção.

Uma pesquisa feita em 2016 na cidade de São Paulo, estima que 10% das pessoas que se encontram vivendo nas ruas ou em centros de acolhimento são da comunidade LGBTQIA+ e a grande maioria está nessa situação por terem sido excluídas da família. A exclusão é mais recorrente quando se trata de pessoas transsexuais. Quando partimos para pesquisa relativa à educação, dados coletados em 2004 pela UNESCO apontam que, em um universo de 5000 professores, 60% deles disseram ser inadmissíveis relações homoafetivas.

Excluídas da família e discriminadas na escola, pessoas LGBTQIA+ vão sendo postas à margem da sociedade. Em pesquisa feita pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais), 90% das pessoas “T” (transsexuais e travestis) sobrevivem da prostituição, sendo o principal motivo a falta de acesso à educação e o preconceito por parte das empresas no momento de contratar essas pessoas.

Em uma sigla tão grande, é preciso compreender que nem todas as pessoas sofrem as violências em mesmo grau. Sem dúvidas, lésbicas, gays e bissexuais encontram hoje menos dificuldades em serem inseridos no mercado de trabalho do que pessoas transsexuais e travestis. Se pensarmos na questão racial e econômica, uma pessoa LGBTQIA+ negra e de baixa renda enfrenta problemas que a maioria das pessoas brancas de classe média não enfrenta.



PRATICANDO EU APRENDO

(ENEM 2010) “Pecado nefando” era expressão correntemente utilizada pelos inquisidores para a sodomia. Nefandus: o que não pode ser dito. A Assembleia de clérigos reunida em Salvador, em 1707, considerou a sodomia “tão péssimo e horrendo

crime”, tao contrário à lei da natureza, que “era indigno de ser nomeado” e, por isso mesmo, nefando.

NOVAIS, F.; MELLO E SOUZA L. *História da vida privada no Brasil. V. 1. São Paulo: Companhia das Letras. 1997 (adaptado).*

O número de homossexuais assassinados no Brasil bateu o recorde histórico em 2009. De acordo com o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais (LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), nesse ano foram registrados 195 mortos por motivação homofóbica no País.

Disponível em: www.alemdanoticia.com.br/utimas_noticias.php?codnoticia=3871.

Acesso em: 29 abr. 2010 (adaptado).



A homofobia é a rejeição e menosprezo à orientação sexual do outro e, muitas vezes, expressa-se sob a forma de comportamentos violentos. Os textos indicam que as condenações públicas, perseguições e assassinatos de homossexuais no país estão associadas

- a) à baixa representatividade política de grupos organizados que defendem os direitos de cidadania dos homossexuais.
- b) à falência da democracia no país, que torna impeditiva a divulgação de estatísticas relacionadas à violência contra homossexuais.
- c) à Constituição de 1988, que exclui do tecido social os homossexuais, além de impedi-los de exercer seus direitos políticos.
- d) a um passado histórico marcado pela demonização do corpo e por formas recorrentes de tabus e intolerância.
- e) a uma política eugênica desenvolvida pelo Estado, justificada a partir dos posicionamentos de correntes filosófico-científicas.



SAIBA MAIS

Todos nós sofremos com a pandemia. Mas, estatisticamente falando, houve um impacto muito grande para a comunidade LGBTQIA+. Seis em cada dez pessoas LGBTQIA+ perderam renda ou emprego nesse período. A pandemia contribuiu bastante, mas não foi o único fator para isso, leia a matéria e veja as outras dificuldades que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta no mercado de trabalho.

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/seis-em-cada-10-pessoas-lgbtqia-perderam-renda-ou-emprego-na-pandemia/>



FIQUE DE OLHO

Dados apontam que a maioria dos casos de homofobia no Brasil parte de pessoas próximas à vítima.

HOMOFOBIA NO BRASIL

Violência ocorre mais entre jovens e com agressores conhecidos

PERFIL DAS VÍTIMAS



Orientação sexual

heterossexuais	1,6%
homossexuais	85,5%
bissexuais	9,5%
não informado	3,4%

Cor/raça

branca	44,5%
negra	52,1%
não informado	-



Vítima conhecia os
suspeitos em

62%

dos ataques homofóbicos
> 38,2% eram familiares
> 35,8% eram vizinhos

PERFIL DOS SUSPEITOS



Orientação sexual

heterossexuais	43,9%
homossexuais	9,5%
bissexuais	2,2%
não informado	44,4%

Cor/raça

branca	31,2%
negra	32,3%
não informado	34,9%



*Do total que teve a idade informada

Fonte: Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil - Secretaria Nacional de Direitos Humanos

Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/educacao-sem-homofobia-um-olhar-para-a-diversidade/>

Acessado em: 30/03/2015. Adaptado.

UNIDADE 10

- A IMPORTÂNCIA DO DIA 28 DE JUNHO

O dia 28 de junho de 1969 foi um marco na luta pelos direitos LGBTQIA+ e é sobre o que aconteceu neste dia, a Rebelião de Stonewall Inn e seus desdobramentos, que debateremos nesta unidade. Até os anos de 1960, em Nova Iorque, relações homoafetivas eram consideradas ilegais. Expressões de afeto em público eram proibidas, então bares e clubes se tornaram um refúgio para a comunidade. Como forma de conter as reuniões, era vetada a venda de bebidas alcoólicas para essas pessoas e existia uma rotina de fiscalização dos bares e restaurantes.

Em uma dessas fiscalizações, no bar Stonewall Inn, a polícia prendeu treze pessoas entre funcionários e pessoas LGBT e quem estava nos arredores do bar começou a se juntar na porta para acompanhar a ação. Pessoas presentes contam que, ao levar uma mulher lésbica para a viatura, o policial teria batido sua cabeça na porta do carro. A mulher começou a pedir apoio dos presentes e, rapidamente, a ação rotineira da polícia deu início a uma rebelião histórica.

Durante cinco dias, várias manifestações aconteceram nos arredores da cidade, mobilizando milhares de pessoas e chamando a atenção da população. No entanto, pouca coisa mudou e a comunidade LGBTQIA+ continuou sofrendo perseguições e discriminação. Um ano após a rebelião, uma multidão marchou do Stonewall Inn até o Central Park. Assim, ocorreu a “1ª Parada Gay dos EUA” e foi o começo de mudanças que viriam nos anos seguintes. Em 1977, a cidade de São Francisco elegeu o primeiro representante assumidamente gay, Harvey Milk. No entanto, um ano após a conquista, Milk foi assassinado por Dan White. Em 2016, o então presidente dos EUA, Barack Obama, instituiu a área dos arredores do bar como monumento nacional, visando reconhecer a importância da luta da comunidade LGBTQIA+.

No Brasil, o movimento começa a se organizar na década de 1970, em plena ditadura militar. Reuniões em bares e publicações em periódicos independentes faziam com que as informações circulassem e, assim, a comunidade foi se fortalecendo. Em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF) votou a favor da criminalização da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, ou seja, lgbtfobia é crime assim como o racismo. No entanto, dados apontam que a cada 23 horas, uma pessoa LGBTQIA+

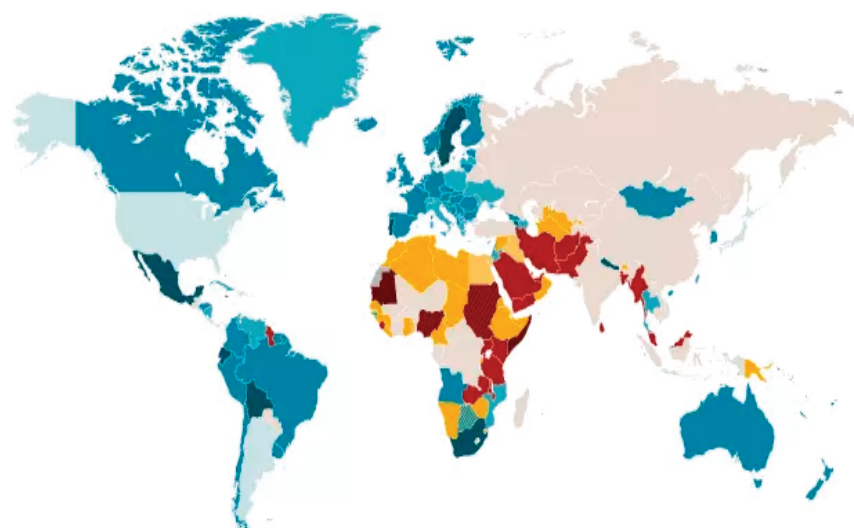
é morta no Brasil. Além da violência extrema, a comunidade narra casos de discriminação, violência psicológica e outras ações que são fruto de uma cultura patriarcal tomada de preconceitos.

Em 2022, o Brasil organiza sua 26ª Parada do Orgulho LGBTQIA+, um momento de união e de alegria que visa celebrar a vida das pessoas LGBTQIA+, festejar a diferença e também chamar atenção do país para os números de assassinatos que, ano após ano, cresce. É urgente que o Estado crie leis para punir quem comete os crimes e que punam de fato. Além disso, estruturar leis que visem incluir essa população tão vulnerável no centro da sociedade, dando condições de vida digna, principalmente para transexuais e travestis.

👁️ FIQUE DE OLHO

Relações homoafetivas são criminalizadas em diversos países, podendo acarretar pena de morte em alguns deles.

Leis sobre orientação sexual no mundo



Proteção contra a discriminação por orientação sexual

- Proteção constitucional
- Ampla proteção
- Proteção no emprego
- Proteção limitada/desigual
- Nem proteção, nem criminalização

Criminalização de atos sexuais consensuais entre pessoas adultas do mesmo sexo

- Pena de morte
- De 10 anos a prisão perpétua
- Até 8 anos de prisão
- Criminalização na prática

- Não há dados disponíveis

Fonte: ILGA

BBC

Disponível em <https://www.politize.com.br/rebeliao-de-stonewall/>. Acesso em 11 de set. 2023.



PRATICANDO EU APRENDO

1) (Unicamp 2022) No Brasil, um exemplo de história que precisa ser narrada é a dos movimentos em defesa dos direitos que hoje reconhecemos como movimentos LGBTQIA+. Tais movimentos eclodiram como um ato de resistência em plena ditadura civil-militar, marcada pela repressão e por ideais conservadores. Naquele contexto, a busca por visibilidade passou a ser compreendida como um dos elementos fundamentais para a conquista da cidadania. Entre outras coisas, os ativistas defendiam que os direitos políticos, sociais e civis tornam-se socialmente legítimos para os cidadãos quando envolvem o direito aos meios de comunicação e à livre expressão.

(Baseado em Vinicius Ferreira e Igor Sacramento, Editorial: Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas. Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde. 2019 abr.-jun.13(2): p. 234-239.)

A partir da leitura do texto, assinale a alternativa correta acerca da historicidade dos movimentos políticos identitários e suas estratégias políticas de ação.

- a) Esses movimentos eclodiram na segunda metade do século XX, foram perseguidos e silenciados pela ditadura militar e retornaram à cena pública após a instauração de um regime democrático.
- b) Por sua capacidade de obter alcance social, desde a década de 1970, as mídias são ferramentas para a construção de uma cidadania plena, sendo a busca por visibilidade, portanto, uma das estratégias de ação do movimento LGBTQIA+.
- c) O Brasil do século XX construiu-se como uma democracia racial, o que garantiu aos movimentos políticos e identitários nacionais o acesso aos direitos civis, políticos e sociais, esvaziando as agendas dos militantes LGBTQIA+.
- d) Na atualidade, a onda de crimes de homofobia e transfobia estimulam o movimento LGBTQIA+ a rever a pauta da visibilidade dos sujeitos, tornando a militância mais discreta e voltada para o espaço privado da ação dos indivíduos.



CULMINÂNCIA

Agora vamos compartilhar um pouco do que aprendemos até aqui? Formem três equipes, cada uma responsável por um dos temas a seguir:

1. “combate ao machismo”
2. “combate ao racismo”
3. “combate à lgbtfobia”.

Pensem em ações para desenvolver na escola e sejam protagonistas dessas ações.

Sugestões: cartazes informativos pelo pátio, rodas de conversa, cine debate, festival de música e artes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROCHA, Everardo Pereira Guimarães. **O que é etnocentrismo?** Col. Primeiros Passos. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

<https://www.politize.com.br/rebeliao-de-stonewall/>

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/etnocentrismo.htm>

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/genero_diversidade_sexual_escola_reconhecer.pdf



